

## O GRAAL - UMA HISTÓRIA DE PROJECTOS DE CONSCIENTIZAÇÃO

Simpósio Paulo Freire (FPCE - 13/3/1998)

Maria do Loreto Paiva Couceiro

O Graal tem uma história de projectos de conscientização e de acção socio-cultural que remonta a 1968. Com efeito, foi nesse ano que se iniciou o trabalho de alfabetização que é referido numa outra intervenção. Desde logo grupos de pós-alfabetização e animação socio-cultural tomaram igualmente forma tendo como desafios múltiplas problemáticas. Toda essa acção decorria da preocupação que tem a ver com a leitura que íamos fazendo da realidade do país e das questões que aí se nos levantavam, sempre com a intenção de encontrar as brechas capazes de contribuir para a transformação, quer individual quer colectiva, que se exigia.

Ao longo dos anos, e até aos nossos dias, outros projectos se desenvolveram concretizando-se em acções de sensibilização, formação e intervenção em diferentes contextos e com grupos do meio rural, do mundo profissional e universitário, grupos de mulheres, etc.

Não vou aqui descrever, com o detalhe necessário, o conteúdo, o decurso e os efeitos que podem emergir da avaliação realizada sobre os diferentes projectos, mas vou simplesmente referir pontos que me parecem mais significativos e que se relacionam com o que nos junta aqui hoje, dado ter sido um trabalho muito enraizado no pensamento de Paulo Freire.

Com efeito, o seu conceito-chave de conscientização sustentou muitas dessas iniciativas. A dinâmica de conscientização foi sendo, de cada vez, formulada e reformulada tendo em conta os pressupostos metodológicos e epistemológicos do pensamento de Freire, o contexto socio-cultural dos grupos, a época socio-histórica.

### 1. A CONSCIENTIZAÇÃO

Falamos de conscientização porque estes diferentes projectos procuraram ir além da tomada de consciência. Como nos chama a atenção Paulo Freire, em 1991, em *Éducation dans la ville*, "não há conscientização sem tomada de consciência mas a tomada de consciência não desemboca automaticamente na conscientização". "A pura e simples tomada de consciência, aquela a que falta uma curiosidade prudente mas corajosa, uma reflexão crítica, rigor dos meios de aproximação do objecto, permanece ao nível do senso comum" (1991, pp. 103-104). A conscientização supõe "o aprofundamento da tomada de consciência" (ib, p.104), exige a rigorosa compreensão da tomada de consciência" (id, p.104), é "um processo pelo qual os

homens se preparam a si mesmos, a inserir-se de modo crítico numa acção de transformação (1971, IDOC, nº40, p. 58).

É esta perspectiva que, de facto, tem alimentado múltiplos projectos do Graal, animados pela urgência de contribuir para uma maior tomada de consciência de cada pessoa, a emergência de cada sujeito e do sujeito situado no seu contexto, seja ele o mais imediato seja o que se torna próximo porque se reconhece como interagindo com a vida colectiva da qual somos parte. Partir da experiência vivida mas ir além duma primeira abordagem de si e da realidade, desvendando verdades escondidas, pressupostos subjacentes, é condição para chegar a uma compreensão mais rigorosa de si-mesmo e da realidade, tornando-se assim, cada vez mais, sujeito da própria vida e da sua história, abrindo-se a uma participação/intervenção/transformação mais activa nos contextos em que se situa ou pode decidir situar-se, conscientes que estas duas vertentes se fecundam mutuamente.

## 2. A METODOLOGIA

O processo de conscientização supõe uma passagem, a passagem da consciência ingénuo - consciência difusa, submissa, não interrogativa e que utiliza explicações mágicas para a realidade, donde está ausente o compromisso com a existência - à consciência crítica - consciência capaz de problematizar a realidade, de fazer escolhas com vista à sua transformação - (Freire, 1969, pp.59-63 e pp.105-106).

A pedagogia que sustenta um processo de conscientização utiliza como mediação situações-desafio, temas geradores capazes de codificar a realidade - a codificação consiste em tornar objectiva uma situação existencial (Freire, 1975, p.139) - e provocar assim a atitude aparentemente paradoxal de criar distância em relação a essa realidade para melhor se aproximar dela. A problematização, a descodificação da situação - análise crítica da situação codificada (idem, p.139) apoia-se na palavra enunciada pelo que aprende, processo que permite e facilita a emergência da sua consciência. Com efeito, dizer a sua palavra permite que outras palavras nasçam, do ponto de vista do dizer e do ponto de vista do sentido que se lhe atribui, contribuindo assim para o acréscimo da consciência emergente.

Sistematizando, a metodologia em que assenta a conscientização supõe:

1. Desafio (codificação) - identificação, a um primeiro nível, da experiência e/ou da situação a problematizar;
2. Problematização/questionamento dessas situações - descodificação/desmontagem dos mecanismos dominantes e escondidos nas suas estruturas pessoais e/ou sociais;

3. Perspectivação das transformações necessárias nos modelos estabelecidos, abrindo a novos modos de ser, ver, pensar, sentir e agir, e estimulando a intervenção significativa.

Evidenciando os mecanismos dominantes e escondidos das estruturas em que nos movemos, instaura-se a interrogação das causas e podem redescobrir-se novos sentidos para os sujeitos e libertar-se dinâmismos para ir fazendo face à complexidade do mundo em que vivemos.

### 3. PROJECTOS CONCRETOS

Uma das linhas do trabalho de conscientização realizada pelo Graal tem a ver com a mobilização do potencial transformador que pode ter a fé cristã.

Assumindo uma das suas vertentes fundamentais, o Graal, movimento que se enraíza na fé, encarada e reconhecida como dinâmica portadora de sentido e de libertação pessoal e colectiva, tem vindo a realizar um trabalho neste domínio.

Uma das outras linhas tem também a ver com uma dimensão intrínseca ao Graal como grupo de mulheres. Também aqui a conscientização foi perspectiva e instrumento para mobilizar o potencial das mulheres tendo em vista a emergência da sua identidade específica e e a sua contribuição para uma outra ordem social e cultural.

#### 3.1. - Conscientização e potencial transformador da fé cristã

Já em 1972, um número do Boletim editado pelo Graal, Igreja-em-Diálogo, foi sobre o tema "Conscientização e Vida Cristã". Além de uma introdução escrita por Maria de Lourdes Pintasilgo, dois textos de P. Freire foram publicados: Um sobre o conceito de conscientização, com excertos de sua autoria extraídos da Revista IDOC, nº 40, sobre "Pour une alphabétisation politique", da Harvard Educational Review, sobre "Cultural action for freedom" e de uma Conferência realizada em Cuernavaca, México, em 1971, sobre "The mythologization of conscientization"; e um outro intitulado "Da conscientização à libertação pascal", a partir de notas tomadas numa conferência por ele proferida no Instituto INODEP, em Paris, em Outubro de 1971. (Tratava-se de um Boletim que durante dez anos teve mais de 1000 assinantes).

#### a) As Equipas móveis (1974-1975)

Estamos em 74/75, num ano de transformação profunda de toda a sociedade portuguesa. O Graal quis e procurou contribuir para a dinamização desse processo. Decidimos então apostar numa intervenção junto das populações, sobretudo as que viviam mais distanciadas das grandes cidades, dos centros de decisão, particularmente caracterizadas por valores e hábitos muito arreigados e tradicionais. A que não era alheio o facto da forte religiosidade popular implantada, com características fortemente conservadoras. Tratava-se de comunidades que corriam o risco de permanecer passivas e espectadoras reservadas do que se vivia, na maioria das vezes mero "objecto" das crenças ancestrais e de velhas doutrinas. Importava soltar essas velhas doutrinas não para as substituir por outras endoutrinações, mas para descobrir novos desafios, diferentes caminhos, e estimular a apropriação do "poder" que aquele tempo desafiava e permitia.

Optámos, assim, por um trabalho junto dessas populações, disponibilizando-nos em quatro grupos - "equipas móveis" - para percorrermos aldeias e lugares da zona Norte e Centro do país. Fizémos um trabalho sistemático em cerca de 180 aldeias e lugares e, justamente a partir das comunidades cristãs muitas vezes receosas ou de pé atrás relativamente ao que ocorria no país, procurámos estimular um olhar novo sobre a fé, mais adulto e mais enraizado na vida pessoal, capaz de se articular com a experiência colectiva, vivenciada nos seus locais e na vida política.

Fazíamo-lo por respeito pelas crenças religiosas do povo e também animadas pela convicção da força transformadora contida no Evangelho. Penso poder afirmar que estávamos bem na linha de Freire (ver *Pedagogia da Esperança*, p. 107), enquadradas pelo pensamento da Teologia da Libertação que então despontava.

#### b) Os círculos bíblicos (1973-1978)

Nos mesmos tempos estimulantes e decisivos para o país, altura em que se aprofundava a Teologia da Libertação em correntes da Igreja, a leitura que fazíamos da realidade do país conduziu-nos a considerar que era um tempo oportuno para descobrir novos possíveis para a fé, e para desafiar a um empenhamento significativo na transformação que se operava, soltando velhos quadros de pensamento e de acção.

Durante 4 ou 5 anos diferentes grupos se encontravam semanalmente em torno de uma leitura renovada da Bíblia. Chamámos-lhes "círculos bíblicos", procurando "em roda"

mobilizar uma "conscientização na fé", ou seja um olhar problematizado e transformado-transformador da vida pessoal e colectiva.

A dinâmica de cada sessão supunha sempre três etapas. Uma primeira, a leitura da vida, que nos situava num acontecimento ou vivência dominante na semana. Uma segunda, centrada na leitura da bíblia. Por último, o debate girava em torno do que a bíblia tinha a dizer sobre a nossa vida, procurando a interligação entre a primeira e a segunda etapas e procurando desafios para o nosso modo de viver e de agir, pessoal e colectivo.

### 3.2. - Conscientização e potencial transformador das mulheres

No âmbito desta vertente vou referir três linhas de acção/intervenção. Penso que o interessante é referir como este trabalho sustentado na pedagogia da conscientização foi realizado com mulheres de diferentes contextos socio-culturais, do meio rural como profissionais de meios urbanos, sendo as situações desafio, evidentemente, por vezes diferentes, outras vezes eventualmente mais próximas do que poderíamos imaginar, mas procurando partir sempre da realidade experimentada pelas próprias mulheres.

#### a) Projecto de animação socio-cultural de mulheres do meio rural (1975-1982)

Este projecto decorreu da constatação feita no contexto das Equipas móveis de que as mulheres aí emergiam como grupo particularmente passivo, reduzido ao silêncio pelos outros ou por si próprias.

Na zona de Coimbra, realizou-se em 37 aldeias rurais de 8 concelhos do distrito. Na brochura que sobre ele se produziu pode ler-se que o objectivo central foi o processo de conscientização, sendo seus objectivos:

- "contribuir para a tomada de consciência por parte das mulheres rurais das formas de opressão que marcam a sua situação de vida e estimulá-las na procura de caminhos de libertação pessoal e colectiva;

- proporcionar às mulheres que o desejarem os meios de aprendizagem não-formal que corresponda às suas aspirações, tanto em ordem ao desenvolvimento das suas capacidades pessoais como em ordem à sua preparação para acções colectivas;

- apoiar as iniciativas e esforços que nasçam da organização das mulheres e que se orientem para a resolução de problemas locais ou quaisquer outras formas de intervenção na vida do país".

Tratou-se de um processo desencadeador de grandes mudanças pessoais, como revela a avaliação realizada no termo, através de entrevistas individuais a 53 mulheres.

Também no Norte se desenvolveu trabalho no âmbito deste projecto, mas vou só referir o de "Animação infantil em meio rural", ao longo de três anos. Aproveitando o potencial de raparigas que não tinham podido estudar ou ter acesso a uma profissão, o Graal organizou programas residenciais de formação que "fazendo-as descobrir as suas próprias capacidades, as despertaram para os problemas mais amplos da sociedade em que viviam" e nomeadamente para a problemática das crianças das suas aldeias. Ao mesmo tempo, mulheres dessas aldeias mobilizaram as suas comunidades de modo a organizaram-se para aí criar possibilidades de animação infantil. Como se diz num texto sobre o projecto, cada vez se tornou mais difícil "dissociar o trabalho com as crianças, a formação das animadoras, o processo regular de conscientização das mulheres e a animação das comunidades" (Mudar-a-Vida, nº45, ed. Graal, Junho-Julho 1983).

b) Grupos de conscientização de mulheres: orçamento-tempo (1972) e (1985)

Uma das dimensões do Graal tem a ver com a procura de evidenciar e desenvolver o potencial feminino enquanto força de transformação histórica.

No meio das vidas ultra-ocupadas de mulheres profissionais, a terem que repartir-se por uma multiplicidade de tarefas, a esforçarem-se por desdobrar e multiplicar o seu tempo, o orçamento-tempo tornou-se um instrumento muito útil. Trata-se de um registo tão próximo quanto possível do modo como se ocupa o tempo, permitindo posteriormente uma codificação e análise das várias esferas da vida em que ele se reparte. Trata-se de um processo extremamente exigente e que supõe um forte envolvimento e implicação.

Este trabalho com mulheres diplomadas era não só o nosso próprio processo de conscientização, que não se queria feito de conceitos teóricos, mas experimentado nas nossas vidas na partilha com outras, põe bem em relevo a importância do grupo, ou seja, para retomar uma expressão freiriana, da relação dialógica do processo de conscientização.

### c) Rede de Mulheres Anos 2000 (1991-1995)

Mais recentemente um outro projecto tomou forma. Insere-se na convicção de que o aprofundamento da identidade específica das mulheres e a mobilização do seu património próprio contém potencial poder transformador em todas as esferas da vida social.

A Rede tem vindo a reunir mulheres profissionais do Porto, Coimbra e Lisboa, que em conjunto prosseguem a sua autoformação, com uma organização flexível, em "rede", onde cada "nó" pretende ser aglutinador e dinamizador da acção.

No seu âmbito, diversas iniciativas se promoveram. Refiro, a título de exemplo, dois programas: a constituição e dinamização de grupos-piloto de sensibilização/formação de mulheres, jovens diplomadas, e o processo de reflexão sobre "As mulheres e a mudança estrutural".

#### c.1) Grupos-piloto de sensibilização/formação

Constituíram-se quatro grupos com jovens profissionais, partindo da hipótese que este público tem fortes potencialidades relativamente à mudança de modelos estabelecidos e a possibilidade de aí introduzir novas perspectivas.

Neste contexto elaboraram-se módulos de formação, que constituem uma abordagem inovadora do processo de conscientização de mulheres, promovendo a reflexão de cada mulher e procurando contribuir para a emergência das mulheres como sujeitos autónomos, capazes de transformar o quotidiano e a história de que são protagonistas.

Partindo da identificação de experiências pessoais e de situações a problematizar, suscita-se a reflexão e o questionamento que podem abrir perspectivas e compreender a interacção entre a ordem do próximo e a ordem do mundo.

Para ajudar ao confronto com a própria experiência e alimentar a problematização das situações, alguns textos de apoio são sugeridos e utilizados ao longo das sessões.

O grupo de formação é também fundamental. Sendo um espaço-tempo suficientemente íntimo para permitir a expressão de cada uma e da sua subjectividade, introduz, ao mesmo tempo, uma exterioridade, uma distância em relação a si mesma, facilitadora do questionamento e problematização. Num grupo de semelhantes somos mais capazes de falar de nós, das experiências vividas que se aproximam das das outras. Dizer este vivido obriga a mobilização de si. Encontrar um discurso inteligível torna-se a via para

o reconhecer, para lhe atribuir sentido, para se apropriar dele com um novo estatuto. E esta re-apropriação do vivido pode assim ter um efeito pessoal e social/colectivo.

Três módulos foram elaborados: "Mulheres e formação", "Desenvolvimento pessoal e interações sociais" e "Mulheres e liderança". O módulo "Mulheres e formação" desenrolou-se em torno de três temáticas:

- . A formação pela experiência e o processo de autoformação
- . A emergência do sujeito-feminino: um processo conflitual
- . A formação das mulheres: efeitos sociais, culturais e políticos

#### c.2) "As mulheres e a mudança estrutural"

Em Novembro de 1991, a OCDE publicou um relatório intitulado "Conduzir a mudança estrutural: o papel das mulheres", elaborado por um grupo de peritos de alto nível, de seis países. Dada a importância deste documento foi promovida a sua reflexão e debate no âmbito da Rede.

Nesse sentido elaboraram-se fichas de apoio à discussão de grupo, em torno das temáticas nele apresentadas, e que integravam excertos do Relatório relativos a essa temática alternando com uma situação-problema desencadeadora da discussão de grupo e com a busca de pistas de intervenção que as participantes eram convidadas a propor e implementar.

As temáticas que foram objecto desta dinâmica consciencializadora foram:

- . Família e emprego: actualizar o contrato social
- . A segregação no emprego: alargar as escolhas e revalorizar as profissões
- . A flexibilidade do emprego: responder às necessidades dos trabalhadores
- . Valorizar a diversidade

#### 4. A CONSCIENTIZAÇÃO HOJE

Estou com todos aqueles que consideram o pensamento de Paulo Freire como uma contribuição decisiva no campo da teoria e da prática da educação de adultos.



Hoje em dia, a minha área de interesse de investigação e de prática (em contexto profissional e não só!), tem a ver com a problemática da formação dos adultos e, nomeadamente, da autoformação.

Estamos num tempo em que muito se fala de formação contínua, de formação ao longo da vida. No âmbito da formação dos adultos ganha cada vez mais terreno, nomeadamente a partir dos anos 80, este conceito de autoformação, havendo mesmo quem a considere como o novo paradigma da formação dos adultos.

Parece-me importante não embarcar superficialmente em novas tendências/modismos. Sabemos como se esvaziam rapidamente os significados mais fundamentais. Esta questão dos modismos é aliás referida por Paulo Freire ao lembrar-nos a importância de não desvirtuarmos conceitos acoplando-os a práticas que, na realidade, os podem perverter.

Não será que o pensamento de Paulo Freire e o seu conceito de conscientização continuam a ser necessários, hoje?

O próprio P. Freire se lhe refere no seu último livro "Pedagogia da Autonomia": "Insisto hoje (...) na necessidade da conscientização. Insisto na sua actualização. Enquanto aprofundamento da "prise de conscience" (francês do autor) do mundo, dos factos, dos acontecimentos, a conscientização é exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade epistemológica. Em lugar de *estranha*, a conscientização é *natural* ao ser que, inacabado, se sabe inacabado." (1996, p. 60)

Subjacente a esta afirmação está uma concepção antropológica que encara e reconhece a pessoa como um ser criador, criador de cultura, na medida em que aumenta ou modifica o que já existe, na medida em que é encarado/concebido como uma consciência autónoma e responsável que interage com o seu *environnement* (contexto natural e humano).

Subjacente está uma concepção de pessoa, que se constitui social e historicamente, cuja "vocação ontológica é para o ser mais", como sustenta Paulo Freire (Freire, 1996, Pedagogia da Autonomia, p.20).

O processo de conscientização é assim uma dinâmica que valoriza cada pessoa, afirmando a sua singularidade, constituindo-a como sujeito, criando condições para que ela se dê uma forma a si-mesma e, criticamente, à sua existência, desafiando/estimulando/permitindo justamente a instauração do regime da autoformação.

Autoformação encarada no seu sentido mais global e vital. Autoformar-se significa, por um lado, que a pessoa se torna, cada vez mais, sujeito da sua formação e, por outro lado, é ela própria o objecto dessa formação. O objectivo da formação é, pois, a construção da globalidade

da pessoa, a construção de uma unidade com os múltiplos fragmentos que constituem a existência, permitindo assim a emergência de uma forma, singular, autónoma, a emergência de uma identidade que se assume e interage com os múltiplos laços e contextos sociais.

Não foi isso que aprendemos com os projectos referidos e, sobretudo, com aqueles que os vivenciaram?

Não será que o pensamento de Paulo Freire continua a ser um referencial fundamental para nos interrogarmos sobre as práticas que se prosseguem?